

APRESENTAÇÃO

[...] Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero.
Há calma e frescura na superfície intacta.
Ei-los, sós e mudos em estado de dicionário.
(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)¹

Na altura em que se apresenta o número sete da Revista Porto das Letras, o tema “Trilhas linguístico-literárias: conexões e fenômenos fronteiriços”, entra em cena com o propósito de projetar dados, pesquisas e resenhas que contemplem o universo dos Estudos Linguísticos, Literários e do Ensino, em um constante diálogo interáreas. A proposta do atual volume é reforçar continuamente a práxis da interdisciplinaridade entre as pesquisas sobre a estrutura e funcionamento da língua, da educação e da arte literária. Nesse contexto, este número complementar oferece ao leitor um conjunto de vinte e seis textos, sendo treze artigos sobre os estudos linguísticos, seis que dissertam sobre os estudos literários, outros cinco com o propósito de debater sobre as relações de ensino-aprendizagem de línguas, além de duas resenhas.

O conhecido poema “Procura de poesia” escrito por Drummond apresenta ao leitor um lampejo de ações que podem fluir do casamento entre linguagem e arte. É fato público e notório que a relação pendular entre linguística e literatura subjaz há tempos, complementando as pesquisas no campo das Letras e da Educação. Mais recentemente, ao longo do século XX e XXI, várias ideias somaram-se ao debate e têm promovido, de maneira inconteste, com o alargamento de visões e teorias interrelacionadas às três grandes áreas, tanto no campo da Linguística, quanto da Literatura e do Ensino. As contribuições de diversos pensadores dispostos a alargar os horizontes de expectativas do público, aqui tomando de empréstimo um termo vinculado à estética da recepção proposto Hans Robert Jauss (1994)², seja de leitores ansiosos pelo próximo romance ou de pesquisadores, ávidos pelo conhecimento técnico.

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Nova Reunião: 23 livros de poesia. V.1, 7. Ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2013, p. 142.

² JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

Na tentativa de decifrar os fios que tecem as confluências e divergências desses campos de atuação, pesquisas de diversas naturezas orientam os caminhos de pensadores da contemporaneidade. Assim, em tempos que se confluem, convergem e se distanciam, as ideias consoantes e dissonantes são salutares, de modo que auxiliam nas interações e aprendizados comuns. Aqui o empréstimo conceitual sobre o fenômeno literário coube a Antonio Candido, no aplaudido artigo “O Direito à Literatura” (2013), ao preconizar a Literatura, em sua face ampla, como sendo “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade [...]” (CANDIDO, 2013, p. 176).³

Na esfera da educação, tanto o campo linguístico quanto o literário projetam-se a serviço do ensino. Consoante a defesa de Eneida Maria de Souza⁴ (2012), é inconcebível, em posse de um texto literário, ficar restrito à sua constituição literária ou apenas ao seu aspecto de linguagem. Frente aos estudos contemporâneos, é possível entendermos que há um movimento duplo e oscilante, pois enquanto lê, o público percebe, entre as nuances e sutilezas do discurso que o texto ultrapassa a fronteira linguística projetando-se para outros campos.

Nessa senda, a imagem que integra a capa deste número metaforiza o livro e os caminhos de múltiplas viagens e interpretações que podem proporcionar ao leitor. As trilhas percorridas para se chegar até o livro e de onde dele mesmo se desdobram caminhos inimagináveis, colocam em xeque não apenas a relação leitor-livro, mas a interação palavra-obra, além de questionar o processo criativo. Alberto Manguel, em “O leitor como metáfora” corrobora esta simbologia do mundo como sendo um livro em construção, uma vez que o espaço ao nosso redor é repleto de significados e cada paisagem revela uma história particular, transformando a leitura em um ato de decifração das palavras e do mundo, posto que “mundo e texto, viagem e leitura, são imagens concomitantes, facilmente evocadas na imaginação.” (MANGUEL, 2017, p. 55).⁵

Na constante busca pela obra, entre as fronteiras e as margens do caminho, há trilhas que se interdependem e convergem rumo à palavra e ao sujeito. No âmbito

³ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2013, p. 171 – 194.

⁴ SOUZA, Eneida Maria de. Tempo de pós-crítica. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2012.

⁵ MANGUEL, Alberto. O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

dialógico, a intuição sensível da obra literária está intimamente relacionada à dimensão fonético-fonológica e ao estrato fônico, segundo nos resume Maria Luiza Ramos⁶, pois “[...] é o estrato óptico o primeiro fator de percepção de uma obra impressa, o que proporciona desde logo a intuição de capítulos, atos, estrofes ou estâncias” (RAMOS, 1969, p. 44). Aqui, a ideia remete aos poemas no Modernismo Brasileiro ou do Movimento Concretista. Quem não se lembra de algum poema escrito por Manuel Bandeira e sua cadente dança com as palavras, calcada na sonoridade, no ritmo e na imagética da língua portuguesa? Como no poema “Neologismo”, por exemplo, ou outros tantos.

Viagem semelhante nos brinda a prosa poética de Guimarães Rosa, com sua habitual linguagem metaforizada e neológica, a confirmar a íntima relação entre arte literária e linguagem e sua riqueza lexical. O trecho de “Grande Sertão: veredas” ilustra a capacidade artístico-discursiva de uma literatura regional que se transformou em objeto consagrado para pesquisadores na esfera dos estudos textuais:

[...] Melhor, se arrepere: pois num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca doce pode de repente virar azangada – motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manafbas – vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal.” (ROSA, 2006, p. 11)⁷

Diante de tantos cenários investigativos, cabe salientar que, ao leitor está designada a importância maior, de realização, tanto da obra literária, quanto de suas significações linguísticas. Se na história dos estudos linguísticos e literários, ou mesmo nas pesquisas sobre literatura, linguagem e educação, consideramos, por obviedade, a figura do leitor como mediador (ao mesmo tempo que é resultado) da interação com a leitura, logo então concordamos com o pensamento de Manguel, de onde se diz que se “somos criaturas leitoras, ingerimos palavras, somos feitos de palavras, sabemos que palavras são nosso meio de estar no mundo, e é através das palavras que identificamos nossa realidade e por meio de palavras somos, nós mesmos, identificados.” (MANGUEL, 2017, p. 140).

⁶ RAMOS, Maria Luiza. Fenomenologia da obra literária. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1969.

⁷ ROSA, Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

No plano interseccional, Jonathan Culler (1999)⁸ percebe a Literatura como um ato da linguagem que desperta a atenção do leitor para os sentidos imanentes ao texto, produzindo trocas culturais e de experiências. Conforme pontua o crítico, a obra literária revela-se como um importante evento linguístico a projetar o mundo da ficção para o leitor, pois em cada obra está implícito que há falantes, acontecimentos e um público. O crítico postula que o caráter ficcional da obra separa a linguagem de outros contextos nos quais ela poderia ter serventia, o que permite ao texto literário uma relação aberta à múltiplas interpretações.

As pesquisas em educação literária, linguística e ensino de línguas podem e devem valer-se do texto literário como ponto de partida. É, pois, no contexto desafiador da sala de aula, que as pesquisas e atividades dialetais se enriquecem constantemente, a partir do convite da obra a ser lida, fruída e analisada.

Dessa forma, inaugura a seção de Estudos Linguísticos, o artigo “O discurso hegemônico e idealista na troca do termo favela por comunidade”, cuja proposta de Luiz Henrique Costa de Santana, Clarice de Freitas Silva e Emanuel Rodrigues de Souza é, com base na epistemologia da Análise do Discurso, entender os motivos que levaram o termo “favela” a ser preterido em detrimento de termos como “comunidade”, além de buscar compreender em quais contextos sociais tais trocas se sustentam.

O segundo texto “Feminismo negro: uma perspectiva do discurso ideológico na desigualdade histórica da mulher negra”, Clarice de Freitas Silva, volta-se para o debate sobre os papéis desenvolvidos pela mulher negra no Brasil contemporâneo. Para tanto, a autora utiliza referencial teórico pertinente ao campo da Análise do Discurso e o viés da linguagem ideológica como mote teórico, a partir da análise do seriado *Malhação*.

Em “A interincompreensão e o embate entre os internautas pró-bolsonaro e pró-petistas na rede social Facebook, Silvania Cavalcante, averigua, com base na Análise do Discurso, a constituição de discursos relacionados ao pleito eleitoral brasileiro de 2018, na rede social Facebook, bem como os debates decorrentes da polarização política provocada por posicionamentos políticos de situação e de oposição.

Clarice de Freitas Silva é a responsável por trazer à baila, em “Análise da conversação digital nos chats de publicações”, discussões a respeito de novidades

⁸ CULLER, Jonathan. Teoria literária: uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.

interacionais em situações comunicativas, especialmente, as cibernéticas. A autora utiliza como base epistemológica, nomes consagrados na área da Análise do Discurso.

Seguindo essa linha teórica do discurso, em “A cultura e o folclore – as vozes do Bumba-Meu-Boi como uma prática dinâmica – uma perspectiva sob a análise crítica do discurso”, a proposta de Catarina Ferreira da Conceição Rodrigues da Silva é reconstruir conceitos como folclore e cultura, a partir de discursos e funções da linguagem atrelados à narrativa do Bumba-meu-boi em Teófilo Otoni.

A pesquisa de Thiago Barbosa Soares intitulada “O contraste no discurso do sucesso: a diametralidade discursiva do enunciado “oposto” revela e analisa o enunciado diametralmente oposto que compõem os discursos midiáticos e de autoajuda, com o objetivo de analisar os sentidos dos discursos do sucesso, bem como seus enunciadoreis. O autor utiliza como corpus, a partir de discursos de negação trechos de revistas como a Caras e obras de autoajuda para referendar pressupostos teóricos ancorados na episteme discursiva.

Em campo de atuação semelhante, “O discurso do sucesso em propagandas de investimento”, é a aposta de Damião Francisco Boucher com a finalidade de averiguar o discurso do “*trader* de sucesso” no mercado da bolsa de valores, a partir de noções como efeito de verdade, relação de sentido, entre outros que circulam pela Análise do Discurso, como vias a contribuir para a multiplicidade de identidades do sujeito enunciador.

Pegando carona na teoria bakhtiniana sobre o discurso, o trabalho “Um viés bakhtiniano para a (auto)biografia na sessão de psicanálise”, a ideia de Eduardo da Silva Moll é apresentar um estudo com vias a discutir o estatuto do discurso (auto)biográfico sobre as trocas verbais entre analista e analisando nas sessões de psicanálise da obra *O freudismo*.

Na linha da linguística textual, Wagner Alexandre dos Santos Costa analisa no artigo “Cerveja ou vírus? objeto de discurso corona em memes fotográficos da internet”, memes fotográficos, baseado no conceito de Referenciação e que objetivam demonstrar possíveis relações de sentido construídos a partir dessa linguagem cibernética, tomando como ponto de partida, as criações com base na situação do coronavírus e sua alusão a produtos alcoólicos.

Dentro do campo de estudos sobre a linguagem cibernética, o texto intitulado “Da intergenericidade e os gêneros textuais: uma análise de imagens que circulam na internet”, Joelma de Araújo Silva Resende, José Marinho dos Santos Júnior e Maria Helena de Oliveira, tem como foco analisar gêneros discursivos veiculados em sites da internet, por meio da intergenericidade presente em cinco imagens retiradas de sites, e para tanto, utiliza teóricos como Bakhtin e Marcuschi para discorrer sobre o assunto.

No âmbito da semiótica, o caminho encontrado por Paula Ramos Ghiraldelli e Thiago Barbosa Soares, na pesquisa “O percurso gerativo de sentido em Mafalda: uma análise semiótica”, foi o de examinar uma tira do quadrinho Mafalda, à luz da teoria semiótica e do percurso gerativo de sentido sob o viés dos possíveis sentidos de humor e de valores provocados pela narrativa.

Por sua vez, Josie Helen Siman e Thiago Oliveira da Motta Sampaio discutem em “Teoria da metáfora conceptual: um dinâmico passo adiante?” uma revisão de teorias atuais e multidisciplinares que abordem o tema metáfora conceptual, bem como propõe uma discussão de pontos-chave da TMC, com base na dinamicidade do assunto no campo da linguística.

Para encerrar a sessão de Estudos Linguísticos, Diocleciano Nhatuve e Luís Isaías Mavota (Universidade, no texto “Passivas eventivas no português de Moçambique”, trilharam o caminho para descrever o processo de formação de passivas eventivas, a partir de verbos monotransitivos e ditransitivos na linguagem de Moçambique.

No âmbito dos Estudos Literários, alguns romances surgem como objeto de análise. Dessa forma, o texto que inaugura a seção, intitulado “Metáforas de paixão e morte em Bodas de sangue, de García Lorca”, de autoria de Carlos Antônio Magalhães Guedelha, revela, a partir de uma leitura crítica do romance “Bodas de Sangue”, de Federico García Lorca, características da tragédia e suas metáforas narrativas.

Em “A necessária morte de alguns para a expansão da vida de outros: biopolítica e tanatopolítica em Cadáver Exquisito, De Agustina Bazterrica”, a proposta de Kelly Luciana Bueno é pesquisar sobre elementos da biopolítica e da tanatopolítica no romance Cadáver Exquisito, de Agustina Bazterrica. O trabalho considera teóricos como Michel Foucault e Giorgio Agamben para examinar a narrativa distópica que é evidenciada no romance.

Na linha de romances pesquisados, Daniel Cavalcanti Atroch, em “O Fausto Kafkiano: Análise Do Romance “O Castelo””, analisa o mito filosófico do homem fáustico aplicado ao romance kafkiano. O enfoque da discussão nos remete a um contexto mais amplo de literaturas clássicas e a recomposição de arquétipos estruturantes da sociedade da época, mas que persiste até os dias de hoje.

No que concerne ao espaço de análise literária de contos, ganha relevância a pesquisa de contos orais de temática afro-brasileira encabeçada por Juliana Franco Alves-Garbim. No texto “A Inserção Da Poética Oral Dos Terreiros Na Literatura Afro-Brasileira”, a autora examina narrativas orais voltadas ao campo semântico da cultura negra e do candomblé. Por meio de histórias escritas por Mãe Beata de Yemonjá e teóricos dos Estudos Literários e Culturais, a autora percorre o universo narrativo e mnemônico dos terreiros.

Já sobre a área dos estudos do teatro, na sequência, temos a pesquisa “Quando o teatro fala sobre a morte: um estudo de caso em Antígona de Sófocles”, de Cesar Augusto Neves Souza e Odi Alexander Rocha da Silva, que propõe debates sobre as tradições, crenças e tragédias gregas e a relação com a morte, por meio das análises de rituais fúnebres em torno de Antígona, personagem criada por Sófocles.

Para encerrar a sessão de Estudos Literários e estabelecer ligação com a próxima sessão da Revista Porto das Letras, número sete, o texto “Educação literária no ensino de línguas: uma nova cidadania em foco”, de Bruna Otani Ribeiro, identifica a ausência do trabalho com textos literários em aulas de idiomas. A autora parte de uma pesquisa de revisão bibliográfica com objetivo de estudar teóricos que defendem o caráter humanizador do texto literário e a relevância da educação literária.

Por sua vez, o tópico que setoriza artigos sobre Ensino e aprendizagem de línguas abre espaço para cinco novos textos. O primeiro artigo aborda a temática sob a perspectiva das legislações educacionais em voga. Em “A concepção de leitura compartilhada em documentos oficiais”, Carla Alessandra Paula da Silva-Menezes e Ângela Francine Fuza, teve como objetivo estudar o conceito de leitura compartilhada enquanto prática social e como isso se articula nos documentos oficiais e legisladores de ensino, tais como Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Eliza Alves Landin e Maria de Lurdes Nazário, em “O trabalho com a competência linguística nas aulas de leitura numa turma de 9º ano do ensino fundamental”, descrevem uma prática de ensino reflexiva sobre a funcionalidade de elementos linguísticos no texto e sua construção de sentidos, por meio do qual analisam, como base nos documentos educacionais legisladores, a capacidade de leitura crítica de alunos do ensino fundamental.

Ainda sobre elementos legisladores e normativos acerca das políticas de educação no Brasil, o texto “Políticas públicas de gênero na Educação Básica: convergências e entraves a uma educação linguística decolonial”, assinado por Anyellen Mendanha, Hélvio Frank de Oliveira e Luana Luterman, parte de bases epistemológicas decoloniais, culturalistas e de ensino para decifrar as formas de abordagem sobre as questões de gênero e sexualidade no contexto do ensino linguístico, identificando políticas públicas frágeis na educação e no tratamento da situação.

Sobre o ensino de língua estrangeira, na perspectiva da Linguística Aplicada, disserta Leandra Cristina de Oliveira, como o artigo “Por uma perspectiva plural das línguas estrangeiras na formação escolar: olhares sobre o Estado De Santa Catarina”. Aqui entra em cena um debate a respeito da relação entre a Lei 13.415 e a aplicação do ensino de línguas estrangeiras nas escolas de Santa Catarina.

Para encerrar essa sessão, o trabalho “A gamificação na era da cultura digital: uma proposta didática para o ensino de Língua Inglesa”, Alana Motta Gerlach e Bruno Nunes Batista proporcionam ao leitor uma análise sobre a influência dos games no cotidiano de anos do ensino médio, bem como investiga o fenômeno da gamificação no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

No espaço destinado às “Resenhas”, dois textos integram a seção. Em “Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo”, de Gabriel Nascimento, Igor Pires Zem El-Dine resenha a respeito da obra que trata, em linhas gerais, sobre as relações entre racismo e linguagem no Brasil sob o espectro dos estudos linguísticos e a partir de uma perspectiva da crítica decolonial.

Por fim e ao cabo, Marina de Oliveira resenha “Os paradoxos da autoconsciência: um conto com prólogo, epílogo e moral, segundo alguns fragmentos das Confissões de Rousseau, primeiro capítulo da obra “Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas”, de Jorge Larrosa, publicada pela Autêntica Editora. O primeiro

capítulo toma como base fragmentos autobiográficos de Rousseau face à instabilidade do “eu” e sua relação com a linguagem.

Antes das despedidas, agradecemos sobretudo àqueles que, com o afinco costumeiro contribuíram para o sucesso deste número. Aos autores e autoras que dedicaram parte de seu tempo para publicar suas pesquisas no periódico Porto das Letras, nosso obrigado pelo interesse em compartilhar conhecimentos tão caros a todos.

Antes de partirmos em definitivo para as trilhas das leituras, cabe dedicarmos um precioso tempo para reconhecer a importância dos pareceristas e demais colaboradores que integram este volume. O trabalho desenvolvido por estes avaliadores cooperaram, sobremaneira, não apenas para a qualidade da Revista, mas, especialmente para um bem maior, ou seja, o desenvolvimento das pesquisas na área das Linguagens e das Humanidades, que ultimamente andam tão alijadas do prestígio social.

Face ao exposto, desejamos que a experiência da travessia nas trilhas desta edição permita ao leitor explorar territórios inumeráveis, atravessados por objetos de estudos diversos, mas que concentram em si a própria carga de linguagem e arte que necessitamos para suprimos nossas necessidades particulares de ficção e fantasia, como nos aponta a obra de Antonio Candido. Ressaltamos, assim, o caráter dialógico e movente dos corpora literários, linguísticos e educacionais que circulam por essas paragens. Aos navegantes, recomendamos uma salutar leitura e uma viagem prazerosa às trilhas e fronteiras rumo ao texto. Ao viajarem pelas conexões linguístico-literárias, deleitem-se com as boas pesquisas deste volume.

Juliana Franco Alves-Garbim